

A TERRITORIALIZAÇÃO DA BOLIVIANIDADE NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE – MINAS GERAIS: XENORRACISMO E RESISTÊNCIAS¹

Juliana Carvalho Ribeiro²

RESUMO

Inserida no Projeto Temático Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo/Unicamp), esta pesquisa ocupou-se das migrações internacionais bolivianas e apresenta aqui configurações e especificidades que elas assumem contemporaneamente na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH-MG). A indústria têxtil impulsiona fluxos migratórios e mobiliza bolivianas e bolivianos à migração transnacional e, uma vez no Brasil, ocorre a migração interna. Minas Gerais e seu tradicional setor têxtil passaram a contar com a presença de fluxos migratórios bolivianos, que saem, em sua maioria, de São Paulo – por questões laborais, socioeconômicas e políticas –, mas, também, diretamente da Bolívia. A RMBH-MG revelou-se “território circulatório” por expressar a mobilidade de bolivianas e bolivianos na produção global e regional da costura, impulsionando a produção de territorialidades, e conectando o novo espaço da migração à origem. Por ser um fenômeno dinâmico e bastante recente, ele é ainda pouco conhecido e escassos são os dados referentes a esta imigração. Dessa forma, a aplicação de entrevistas qualitativas permitiu a compreensão da construção social da vida de bolivianas e de bolivianos e da relação desses sujeitos com espaços urbanos, processo que identificamos e nomeamos “territorialização da bolivianidade” na RMBH-MG. Em Ribeirão das Neves-MG – município periférico desta RM –, a “territorialidade quadra-mundo” é fruto da luta desses migrantes pela configuração de um espaço que os aproximam da Bolívia a partir da vivência de costumes originários ressignificados ao novo contexto metropolitano mineiro. A pesquisa ouve as vozes de bolivianas e bolivianos, contribuindo para a ampliação da sua visibilidade na RMBH-MG e para a luta contra o xenorracismo comumente vivenciado por migrantes do Sul. Ela é, portanto, um convite para que as histórias bolivianas de resistências aqui iluminadas possam inspirar a luta pelo reconhecimento ao direito de migrar – previsto pela Declaração Universal dos Direitos Humanos – e sua garantia em todo e qualquer lugar do mundo.

Palavras-chave: Migrações bolivianas; Territorialização da bolivianidade; RMBH-MG; Xenorracismo; Resistências.

INTRODUÇÃO

Todas as grandes realizações da ciência, todas as mais estupendas descobertas, foram, simultaneamente, fundamentadas na obstinação e no sonho, na capacidade de articulação intelectual e na fantasia que idealizam um mundo melhor a ser descortinado pelo esforço criativo.

Cássio Hissa.

¹ Trabalho aceito para apresentação oral na I Semana da Demografia da Universidade Estadual de Campinas, evento que ocorreu entre os dias 24 e 27 de outubro de 2022.

² Pesquisadora do Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo/Unicamp) e pós-doutoranda em Demografia pelo Nepo/Unicamp. E-mail: jcrgeo@yahoo.com.br

Idealizar um mundo melhor está entre os objetivos dos estudos acadêmicos e destacam-se, aqui, os estudos demográficos. O ato de nos debruçarmos sobre os processos migratórios requer um sentimento de empatia para com os sujeitos migrantes. Mais do que isso: por sermos todos migrantes – porque migramos, uma vez que essa é uma possibilidade sempre existente, ou porque a migração desenhou a história de nossas famílias com laço sanguíneo ou não –, torna-se também autorreflexão. Refletir sobre os processos migratórios é pensar sobre nós mesmos e é lutar por um mundo mais justo.

A condução da realidade da população migrante e a sua adaptação ao novo espaço da migração (BAENINGER, 1999) deveria se dar de forma diversa à que se observa nos grandes centros urbanos que normalmente a recebem: com maior respeito a esses sujeitos e mais empenho pela sua integração à sociedade receptora, para que consigam viver de forma digna. “Vergonha, medo, desprezo pela própria condição social, [...] a aceitação inexorável de sua condição degradada propõem como necessidade esse trabalho de recondução de novas formas de sociabilidade e de relações sociais” (DAMIANI, 2008, p. 50).

Movida por essa luta, esta pesquisa foi desenvolvida e teve como objeto a imigração boliviana na região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH-MG). Compreender o processo que originou, alimentou e concretizou a presença boliviana na RMBH-MG é passo fundamental para que esses sujeitos saiam da invisibilidade e sejam tratados com empatia, dignidade e respeito. Esta pesquisa teve como fio condutor, portanto, conhecer a presença boliviana na RMBH-MG para trazer contribuições para os sujeitos da pesquisa.

O Brasil se apresenta como possibilidade a esses migrantes a partir do recrudescimento das políticas imigratórias em países do Norte Global (BASSO, 2013). Observa-se, por exemplo, o “[...] estabelecimento de um maior número de guardas de fronteira e de condições mais duras para a entrada dos migrantes” (STANDING, 2017, p. 175) nesses países, o que fomenta as migrações Sul-Sul (PHELPS, 2014) – configuradas pelo movimento cada vez mais vigoroso de migrantes entre os ditos Países do Sul.

Consolidando seu destaque na rota das migrações bolivianas houve, em fins de 2009, a regulamentação do Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercado Comum do Sul – Mercosul, Bolívia e Chile³. A partir de então, bolivianas e bolivianos passam a chegar com maior intensidade, repletos de expectativas e esperanças. A desilusão, porém, ganha corpo nas primeiras horas em território brasileiro. Presentes no cotidiano de São

³ Em 7 de outubro de 2009, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva decretou a execução e cumprimento do mencionado acordo, a partir do Decreto nº 6.975. O decreto está disponível no sítio eletrônico do Governo Federal e pode ser mais profundamente analisado pelo link http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6975.htm. Acesso em: 3 out. 2022.

Paulo-SP, principal porta de entrada para imigrantes no País, rapidamente se revelam marginalizados, inferiorizados, invisibilizados. Ao mesmo tempo, em São Paulo-SP, eles encontram possibilidades de sobrevivência, apesar das inúmeras dificuldades (SILVA, 2006). O espaço, portanto, atrai e repele. Migrantes carregam sua condição de marginalização social, condição que não é – e que está longe de ser – superada, simplesmente, pelo deslocamento espacial. Tal condição, responsável pelo deslocamento, acompanham esses sujeitos e não se desfaz quando alcançam o espaço ao qual se destinam. Apesar da resistência que apresentam, permanecem à margem, distantes dos direitos idealizados no momento de saída do seu território natal.

Fugindo desta realidade, aproveitando-se do cenário criado pelo próprio capital, os sujeitos da pesquisa buscam novas espacialidades. A inserção de localidades na divisão social e territorial do trabalho (BAENINGER, 2014) contribui em nível nacional, regional e local, para a configuração de espaços urbanos selecionados (SASSEN, 1988). É neste contexto que Belo Horizonte-MG emerge (CASTRO; FERNANDES, 2014; FERNANDES, 2015) como importante espaço da migração (BAENINGER, 1999) da atualidade para bolivianas e bolivianos, revelando a vivência da cidade por esses sujeitos de maneira diferenciada.

MÉTODOS

O estudo sobre migrações transnacionais requer um olhar que capte sua complexidade e, sobretudo, suas especificidades. Baeninger (2014, p. 8) esclarece que o desafio teórico e metodológico se impõe “[...] pela diversidade de fluxos, de situações, de permanência, de seletividade, de afinidades eletivas, da não-formação de comunidades, de idas-e-vindas, [...] que transcendem as fronteiras do Estado-Nação”.

Esta diversidade dá corpo à imigração boliviana na RMBH-MG, um processo novo e altamente dinâmico que, portanto, ainda não apresenta dados demográficos coesos e precisos. Desta forma, entrevistas mostram-se imprescindíveis para a compreensão e o desenho dessa história recente, cumprindo o fundamental papel da ciência de ouvir as vozes de migrantes. Junto a esses sujeitos, recorre-se à história oral, resgatada através de entrevistas semiestruturadas (ARIZA; VELASCO, 2012), gravadas e transcritas. O projeto com o roteiro para aplicação das entrevistas foi previamente registrado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil (número do CAAE: 00710918.4.0000.8142).

Para compreender os desdobramentos do contexto da pandemia de Covid-19 para os sujeitos da pesquisa foi necessário voltar aos interlocutores para nova conversa. Em função da imposição do distanciamento social, estas últimas entrevistas foram feitas por telefone, com

quatro desses sujeitos. A escolha destes participantes se deu pela desenvoltura que eles apresentaram durante os encontros em ocasião das pesquisas de campo: por terem apresentado menor timidez, maior facilidade de comunicação e amplo desejo de exposição da sua vida em prol da presente pesquisa, apesar de todos os receios que essa prática impõe a tais sujeitos.

DISCUSSÃO

Santos (2004, p. 328) chama a atenção para o fato de que “hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra” (SANTOS, 2004, p. 328). Contextualizando e justificando tal fato, Giddens (1991, p. 20) afirma que:

Para autores influenciados por Marx, a força transformadora principal que modela o mundo moderno é o capitalismo. [...] O caráter móvel, inquieto da modernidade é explicado como um resultado do ciclo investimento-lucro-investimento que, combinado com a tendência geral da taxa de lucro a declinar, ocasiona uma disposição constante para o sistema se expandir.

Esta expansão é constituída pelo capital, pela produção, pela força de trabalho. Dialeticamente, trabalhadoras e trabalhadores são produzidos e produzem esta realidade. Deslocam-se conforme são orientados pelo capital e por reestruturações produtivas. Sua “condição de emigrante” guia as interações entre o sujeito migrante e o mundo – globalizado e perverso. Deslocam-se para que os circuitos econômicos já revelados por Santos (2004) não sejam interrompidos. Migram para desempenhar papéis contingentes à perpetuação de sua condição de “homens lentos”, submissos a uma estrutura econômica hegemônica que viabiliza a manutenção do processo de reprodução ampliada do capital. “De fato, para a grande maioria da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades” (SANTOS, 2011, p. 19).

Os sujeitos experimentam a sua própria periferização do processo de globalização, repleta de carências de todos os tipos, integrados e atuando em espaços que também participam dessa dimensão da desigualdade e dos conflitos. A partir desta atuação, Santos (2004) lembra que a globalização faz esses sujeitos redescobrirem a corporeidade. No processo de apropriação do espaço público, a corporeidade se mostra fundamental. O corpo compõe a paisagem; ele se integra e dá identidade a ela. Os corpos de migrantes bolivianas e bolivianos estão na (e são) paisagem e, a partir disso, territorialidades são produzidas por esses sujeitos e notadas por nacionais.

A presença desses corpos concretiza a imposição da presença desses sujeitos, e os “espaços da bolivianidade” de Grimson (2006) subsidiaram a identificação do processo que foi nomeado “territorialização da bolivianidade” (RIBEIRO, 2021). A apropriação da quadra

Maura Pereira Andrade, em Ribeirão das Neves-MG – com a produção da “territorialidade quadra-mundo” (RIBEIRO, 2021) – evidencia a organização social desses sujeitos e a imposição da sua presença na RMBH-MG. Fortalecidos pelo aumento do número de sujeitos e, portanto, pela maior presença imposta, eles buscam ampliar a resistência a partir dos encontros — entre eles, com a Bolívia e com o novo “espaço da migração” (BAENINGER, 1999) – na quadra (Figura 1).

FIGURA 1 – Portão de entrada da quadra Maura Pereira Andrade, em Ribeirão das Neves-MG



Fonte: Foto: Juliana Carvalho Ribeiro. Banco de imagens do Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo/Unicamp, 2019).

No processo de vivência do mundo no lugar (SANTOS, 2004), bolivianas e bolivianos na RMBH-MG estreitam suas relações entre si por meio de suas relações com a quadra, apropriando-se daquele espaço, vivenciando-o à sua maneira, tornando-o lugar para elas e para eles, reconhecendo-o e se reconhecendo nele. A quadra é abraçada pelos sujeitos da pesquisa como resposta à exclusão imposta pelos nacionais. “Na interação território-sociedade, o território participa num sentido explicitamente relacional, tanto como ‘ator’ quanto como ‘agido’ ou ‘objeto da ação’” (COSTA, 2011, p. 12-13; grifos do autor).

Assim, aquele espaço público, apropriado e incorporado como lugar por bolivianas e bolivianos, aproxima e fortalece esses sujeitos, tornando-se, pouco a pouco, e cada vez mais, o seu mundo. Acontece, ali, “[...] em analogia com a territorialização, a ‘lugarização’ [...]

‘Lugarizar’ significa atribuir sentido, na base de algum tipo de vivência – que não precisa ser direta, forte ou cotidiana” (SOUZA, 2013, p. 123-124; grifos do autor).

Atuando neste processo de “lugarização” da quadra Maura Pereira Andrade, os sujeitos desta pesquisa transformam-na na “quadra-mundo”. A identidade boliviana conecta bolivianas e bolivianos entre si e esses sujeitos buscam o espaço da quadra para se resguardarem da vulnerabilidade que permeia as suas vidas: novas identidades que se revelam resistência.

Souza (2013, p. 124) afirma que “[...] há uma visceral necessidade psicológica de ‘lugarização’, de tornar familiares e dotar de significado e carga afetiva as porções do espaço com as quais mais interagimos”. O futebol, esporte que não fazia parte do cotidiano de bolivianas e de bolivianos em sua terra natal, apresenta-se, no processo de reterritorialização, como o principal lazer desses sujeitos, atuando ativamente no processo de “lugarização” (SOUZA, 2013) da “quadra-mundo”. A apropriação do futebol por migrantes não é exclusividade da imigração boliviana, mas também na RMBH-MG ele se torna um novo hábito, inserido na rotina e muito valorizado pela comunidade boliviana:

[...] o futebol ajuda a aproximar a gente más. Porque o brasileiro tem o futebol más gostoso do mundo! Então nos acostumamos a jogar bola, né? A gente no jogava assim... agora, aqui na quadra, a gente joga bola! Aprendemos juntos. [...] Mi filho está también na escolinha de futebol. [...] e a gente vai se divertindo (Hugo).

Da mulher a mesma coisa. Elas jogam também. Atrás de nosotros, elas fizeram. Agora a gente tá pensando em unir mais, mulher e homem (Juan).

Os brasileiros jogam melhor do que a gente. Então, a gente tem que aprender mais. Mas aqui é bom porque a gente aprende e eu gosto de estar com a turma! Tem vez que a gente disputa os campeonatos, tudo na amizade mesmo! (Daniel).

Estamos aprendendo futebol. A gente vem aqui na quadra. Meu esposo e eu gostamos muito de jogar futebol! A gente vem todos sexta e sábado. E as crianças também gostam muito. Para brincar (Alba).

Quando os interlocutores citam a importância do futebol na identidade nacional brasileira, revelam que o processo de migração transforma os migrantes também culturalmente. Migrantes têm a capacidade de absorver o novo proporcionado pelo lugar no qual se encontra, em um movimento de necessidade de integração e de se sentirem pertencentes. O mesmo acontece em relação ao idioma.

Dessa forma, ao mesmo tempo que se reúnem na “quadra-mundo” a partir da nacionalidade boliviana, em momentos marcadamente bolivianos, constroem novas referências para o próprio grupo deslocado de seu país, utilizando da cultura brasileira, ou seja, do país em que estão construindo sua vida migrante. O trabalho na costura não era

comum na Bolívia, tampouco o jogo de futebol. É um verdadeiro encontro cultural entre a Bolívia e o Brasil, mediado pelo espaço público, apropriado e territorializado no momento da realização dos encontros para os jogos.

Quando questionados acerca da sua percepção de uma possível identidade de bolivianas e de bolivianos com espaços da RMBH, muitos foram os relatos que apontavam esse vínculo estabelecido a partir do futebol:

Antigamente, [...] tinha um grupo por aqui, outro por allá [...] Era tudo boliviano, mas não juntava. Aí, conversamos. [...] Agora [mais recentemente] que estamos disputando um futebol, lembrando siempre acá de Bolívia, quando estamos juntos. Muito bom! Lembramos de La Paz... Agora estamos disputando um campeonato de La Paz. Nos campeonatos, convidamos a sus filhos. Cada um tem sus filhos, de diferentes idades. Colocamos os meninos para jogar. É mucho legal! É bonito. Nós gostamos de reunir e jogar futebol. [...] Nossa alegria é vim aqui, reunir, jogar futebol, lembrar Bolivia (Hugo).

Trabajamos mucho por la semana y nos dedicamos a los hijos los fines de semana. A mis hijos y a mi esposo les encanta venir aquí. Es muy agradable. Pasamos la semana difícil y llegamos el fin de semana desesperados por venir aquí. (Risos). Mis hijos dicen: ha llegado el fin de semana, vamos a la cancha. (Risos). Estamos acostumbrados (Eva).

É aqui na quadra que a gente reúne. Só tem aqui. Só bolivianos mesmo. E aí a gente se sente mais em família mesmo. É muito bom! Por isso que a gente vem para cá todos os sextas e sábados. E às vezes domingos (risos). [...] a gente continuou morando lá em Mantiqueira. A gente vem aqui só pra jogar bola (risos) (Martín).

Assim, este esporte – mesmo não sendo o esporte praticado no lugar de origem – contribui para reforçar a reunião desses sujeitos e a identificação do grupo como “comunidade”, tal como propõe Grimson (1997, p. 99; grifo do autor):

El grupo migrante instituye el sentido de colectividad a través de la construcción de una serie de espacios comunicativos y de un conjunto de prácticas. Es decir, una dimensión particular es la constitución de ámbitos de interacción simbólica «intra-cultural», de puesta en común, a través del desarrollo de ciertas prácticas como la realización de las fiestas patronales, las ferias y el crecimiento de las organizaciones civiles, deportivas y religiosas. Este conjunto de espacios y de instituciones formalmente organizadas plantea marcos metacomunicativos sustancialmente diferentes a los de las relaciones interculturales. Los participantes presuponen en ellos una nacionalidad común, una cultura compartida, ciertos saberes y costumbres esperables de los otros. La construcción de ese código común y de sus espacios de actuación es la construcción de la idea misma de **comunidad**⁴.

⁴ “O grupo migrante institui o senso de coletividade através da construção de uma série de espaços comunicativos e de um conjunto de práticas. Em outras palavras, uma dimensão particular é a constituição de âmbitos de interação simbólica ‘intracultural’, de compartilhamento, através do desenvolvimento de certas práticas, como a realização de festas de santo padroeiro, as feiras e o crescimento de organizações civis, desportivas e religiosas. Esse conjunto de espaços e instituições formalmente organizadas propõe estruturas metacomunicativas substancialmente diferentes daquelas das relações interculturais. Os participantes pressupõem neles uma nacionalidade comum, uma cultura compartilhada, certos saberes e costumes esperados de outros. A construção desse código comum e de seus espaços de atuação é a construção da própria ideia de **comunidade**” (GRIMSON, 1997, p. 99; grifo do autor; tradução nossa).

A partir dele, bolivianas e bolivianos na RMBH-MG produzem e (re)afirmam esta territorialidade, que os fortalece na luta contra o xenorracismo e minimiza a solidão imposta pela distância da terra natal e dos familiares e amigos próximos que ficaram na origem. Todo este contexto faz da “quadra-mundo” espaço de resistência e afeto:

Doy un paseo por la calle, por la rua. Mi primo dice ven y llévame a caminar, a passear. Si me quedo en casa, solo me pone triste, solo a entristecer. Porque tu familia está lejos de ti. Pero venimos más aquí, por diversión, para estar con amigos [...] aquí en la cancha. Es mucho bom venir a jugar aquí. Los bolivianos se encuentran, amigos, familiares... Converso mucho con ellos, les digo cómo quiero traer a mi familia aquí... Vivir con ellos es muy bueno, porque a veces estoy triste (Pablo).

[...] quando cheguei aqui na quadra de futebol, aí que eu acabei conhecendo mais amigos aqui e vi que aqui era o melhor lugar (Iago).

[...] aqui na quadra [...] Todos os sextas-feiras e sábados. A gente não falta. Pra divertir um pouco. É muito bom pra nós. [...] Porque a gente trabalha muito! Trabalha duro. Aqui, diversão. Encontra nuestros conterrâneos, conversa ... (Lucia).

Realmente me gusta venir a la cancha, aquí en la quadra. Me gusta estar con mis compatriotas, me gusta ver los juegos, me gusta porque me divierto. Venimos aquí para desestresarnos (Rúbia).

E ela vai de espaço de afeto à resistência uma vez que, como nos lembra Souza (2013, p. 126), “[...] é certo que lugares são, em geral, também territórios.”. As pessoas não se identificam com uma cidade inteira, nem se apropriam dela como um todo, mas a identidade e a apropriação se dão com algumas porções dela — aquelas com as quais são estabelecidas relações, ou seja, o seu lugar de vivência na cidade. No processo de identidade, disputam aquele espaço, que se apresenta agora, como lugar e território:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi (SANTOS, 2011, p. 96).

Neste contexto de pertencimento e de disputa por poder, esta nova categoria socioespacial – o território – ganha cada vez mais importância. A identidade com determinado espaço o identifica como lugar e incita a disputa por ele, levando à produção de territorialidades. E, ainda, a imposição de poder sobre ele e a partir dele intensifica a identidade para com ele. É uma confluência, um processo de reafirmação. Assim, no cotidiano urbano, as categorias socioespaciais território e lugar mostram-se inter-relacionadas, interdependentes e indissociáveis:

[...] toda relação de poder espacialmente mediada é também produtora de identidade, pois controla, distingue, separa e, ao separar, de alguma forma nomeia e classifica os indivíduos e grupos sociais. E vice-versa: todo processo de identificação social é também uma relação política, acionada como estratégia em momentos de conflito e/ou negociação (COSTA, 2011, p. 89).

Como o espaço que permite o encontro de bolivianas e bolivianos na RMBH-MG, a quadra do Conjunto Henrique Saporì, como popularmente é conhecida, revela-se lugar e territorialidade desses sujeitos. Santos (2007, p. 81-82) explica como a identidade cultural contribui para a produção de territorialidades:

Assim como cidadania e cultura formam um par integrado de significações, [...] também cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos [...]. O território em que vivemos é mais do que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico. [A territorialidade] não provém do simples fato de viver num lugar, mas da comunhão que com ele mantemos.

Nesta comunhão, a cada novo encontro, bolivianas e bolivianos se conectam, estreitam vínculos, e todo este contexto permite o aprofundamento da identidade entre esses sujeitos e entre eles e a quadra – que pode ser percebida, cada vez mais, como o que aqui se denomina “territorialidade quadra-mundo”. Costa (2011, p. 90), em sua reflexão sobre o uso da territorialidade, esclarece a importância do seu vínculo com o estabelecimento de identidades e, portanto, com a categoria lugar:

Em síntese, ‘a territorialidade como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado’.

Assim, os sujeitos da pesquisa ocupam e se apropriam deste lugar-território que serve a eles como espaço para socialização. Ainda que frágil e precarizada, já que ela não garante aos sujeitos da pesquisa o fim do xenorracismo imposto a eles, a produção desta territorialidade apresenta-se como a principal estratégia, entre as várias postas em prática pela

população migrante boliviana, para driblar as dificuldades que esta condição lhes impõe, buscando garantir sua (sobre)vivência.

Nesse processo, esses sujeitos se identificam não só com a quadra em si, durante os jogos de futebol, mas com a praça que a abriga, significando todo o espaço como a “territorialidade quadra-mundo”. A praça abriga, além da quadra, equipamentos de ginástica instalados pela Prefeitura de Ribeirão das Neves-MG, e eles ganham vida com o seu uso pelas crianças bolivianas, que brincam, ali, de esconde-esconde, de pega-pega, de casinha ou de escolinha. Suas mães – e seus pais, mas, sobretudo, as mulheres bolivianas – também ocupam este espaço, e ficam sentadas nos bancos, conversando entre elas e cuidando das crianças. Povoado por algumas brigas e, principalmente, muita diversão, revela-se simbólica a apropriação daquele espaço por bolivianas e bolivianos. Em horários específicos – combinados junto à prefeitura –, a territorialidade, ali, é boliviana.

O sentimento de pertencimento gera, ainda, outros usos da “territorialidade quadra-mundo” para além da diversão. Um deles, importante para reafirmar o coletivo, contribuindo, desta forma, para a resistência desses sujeitos como grupo migrante, compreende as reuniões para discussão de questões diversas (Figura 2) – sobretudo questões políticas inerentes ao processo migratório e de reterritorialização.

FIGURA 2 – Reunião entre homens bolivianos nas arquibancadas da quadra Maura Pereira Andrade, em Ribeirão das Neves-MG



Fonte: Foto: Juliana Carvalho Ribeiro. Banco de imagens do Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo/Unicamp, 2019).

A partir desses encontros e dessas vivências na e da “quadra-mundo”, pratica-se uma nova bolivianidade que contribui para a concretizar a territorialização desses sujeitos:

Nós sentimos quando juntamos todos os bolivianos como se a gente estivesse allá. É bonito, né? Porque a maioria junta aqui e conversa na nuestra idioma. Na cultura no se mexe. Somos bolivianos! [...] Sexta e sábado que tem esse horário que é nosso... que logramos, né? É muito bom! É muito legal! Já fizemos comida típica, já fizemos música (Hugo).

No cotidiano desta nova bolivianidade, a busca pela manutenção da identidade cultural desses sujeitos revela-se, sobretudo, nas conversas com o uso de códigos locais – resgatados, também, das línguas nativas quéchua e aimará, e apresentados pelos interlocutores como fundamentais para esse sentimento de pertencimento ao país natal. O uso do idioma de origem permite que os sujeitos da pesquisa se reconheçam como bolivianas e bolivianos, se reconheçam como comunidade, além de ser uma forma de imposição perante os nacionais.

A despeito da importância de se fazer uso do idioma natal, o resgate das origens não acontece apenas a partir dele. Esse resgate é veiculado, também, pelos rostos com traços

semelhantes, pelas brincadeiras que fazem entre eles, pelas músicas que remetem à terra natal e que frequentemente são ouvidas na quadra:

Yo soy de la cultura indígena aimará. Yo soy indígena mesmo! Yo tengo los traços. Y a gente sente falta... (Isabel).

A falta que Isabel alega sentir da Bolívia é atenuada pela convivência com os seus compatriotas e pelo resgate das tradições. Porém, não se trata de um simples resgate, mas da ressignificação de tradições originais. E o sabor da Bolívia continua sendo sentido em festas e vivências, algumas mais fiéis à origem, outras menos, mas com identidade étnico-cultural sempre presente.

A apropriação do espaço com o resgate da origem, vivida a partir da sua ressignificação, permite a reterritorialização dos sujeitos migrantes, conforme explica Grimson (1997, p. 102): “La música de la «patria» y las constantes alusiones a las «tradiciones nacionales» imaginariamente conforman un arraigo en el desarraigo, un espacio propio en territorio ajeno”. Desta forma, identificando-se com aquele (e naquele) espaço, vinculando-o à sua terra natal a partir de relações simbólicas e materiais, os sujeitos da pesquisa vivem ali a Bolívia, além de criar uma nova bolivianidade, agora ligada ao futebol e, de certa forma, à costura, e produzir ciclicamente aquela territorialidade. Nesse processo, tal como aponta Grimson (1997), os sujeitos da pesquisa buscam se enraizarem no desenraizamento, ou se territorializarem na desterritorialização. Dito por outras palavras, neste processo, bolivianas e bolivianos se reterritorializam.

CONCLUSÕES

Este estudo se propôs a uma reflexão acerca da imigração boliviana na RMBH-MG e apresenta a principal apropriação de espaço público feita por ela, compreendida à luz das histórias dos interlocutores da pesquisa – analisados como sujeitos. Relações de confiança construídas ao longo dos trabalhos de campo permitiram a horizontalidade que os diálogos demandam e, assim, foi possível presenciar a “territorialização da bolivianidade” (RIBEIRO, 2021) no recorte espacial da pesquisa, produzida com tanto afincamento para sustentar as raízes – mesmo que estejam tão distantes da terra que as sustentam – e a integração ao novo que a migração os impele. Para tanto, os sujeitos da pesquisa se apropriam da quadra Maura Pereira Andrade, em Ribeirão das Neves-MG, a “territorialidade quadra-mundo” (RIBEIRO, 2021).

A construção do conceito “territorialização da bolivianidade” é inspirada nos “espaços da bolivianidade” de Grimson (2006). De acordo com o autor, esses espaços

representam a união de migrantes bolivianas e bolivianos entre eles e com a origem, e a produção deles vincula-se estreitamente à prática laboral na indústria têxtil. Mais do que isso, bolivianas e bolivianos na RMBH-MG vivem, nos seus momentos de descanso, o seu mundo na quadra Maura Pereira Andrade, no bairro Conjunto Henrique Saporì, a “territorialidade quadra-mundo”, que simboliza a presença boliviana perante a sociedade receptora, concretizando e evidenciando a “territorialização da bolivianidade” na RMBH-MG. Ali, os sujeitos da pesquisa se fazem presentes e são notados pelos nacionais.

A “quadra-mundo”, portanto, vai além das relações pautadas pela prática laboral na indústria têxtil. Ela mantém os sujeitos da pesquisa conectados à origem e promove a reunião deles em comunidade; ela concretiza identidades, transformando aquele espaço em lugar para bolivianas e bolivianos na RMBH-MG, em abrigo. Ela significa, também, organização social, ocupação e apropriação do espaço público, imposição de poder e visibilidade, resistência. Ela é, portanto, a principal expressão da cada vez mais consolidada “territorialização da bolivianidade”.

Esta territorialidade não está isenta, claro, de relações conflituosas e contraditórias, sobretudo por abrigar exploradores e explorados, que convivem nesta territorialidade. Isso só reafirma a sua importância para os interlocutores da pesquisa que, apesar disso, continuam a frequentando.

Praticado, inicialmente, para servir de elo entre esses sujeitos – que buscam não só um lazer, mas, sobretudo, segurança – o futebol-resistência serve para os reunir, fortalecendo-os como grupo, e contribuindo para a produção e afirmação desta territorialidade. Na quadra e (também e sobretudo) a partir do futebol-resistência, os sujeitos da pesquisa ganham notoriedade como produtores de lugar e de território – produzindo a “quadra-mundo”, que se apresenta como o principal espaço de sociabilidade da imigração boliviana na RMBH-MG.

A trágica pandemia deixa “suspensa” a “quadra-mundo”, que fica com seu uso proibido por decreto durante um período, para cumprir o necessário isolamento social para contenção da disseminação do vírus. A mencionada relação de confiança também permitiu que se retornasse aos interlocutores, remotamente, quando se assolou sobre todo o mundo a inesperada e assombrosa pandemia de Covid-19, viabilizando a investigação dos seus desdobramentos para os sujeitos da pesquisa.

No novo contexto, sujeitos que já viviam situações de precariedade e invisibilidade se depararam com uma situação que conseguiu aprofundar ainda mais as desigualdades em uma crise socioeconômica que o Brasil parece abraçar – à deriva – a partir das escolhas

políticas no âmbito, sobretudo, do governo federal. A pandemia parece nos tirar os fios de esperança a que nos agarrávamos.

Apesar de a pandemia ter “suspendido” o uso da “quadra-mundo”, a territorialidade migrante se fortalece nas práticas sociais, inclusive entre migrantes e nacionais, neste momento de crise sanitária e econômica. Redes migratórias e redes sociais viabilizam o processo migratório e ajudam a sustentar a permanência de migrantes com a construção de laços que intensificam identidades e reforçam as territorialidades. E são essas territorialidades que, além de iluminar a presença desses sujeitos, evidenciam a dinâmica migratória e a (re)configuração territorial, concretizando a “territorialização da bolivianidade”.

Dessa forma, são também os momentos de crise que nos revelam a necessidade de enfatizar, ainda mais, a luta, a resistência, a força e os sentimentos que permitem alavancar outras possibilidades de conexões, coexistências e vivências. É nesse contexto – que por vezes parece um redemoinho de tantas dúvidas – que esta pesquisa pretende contribuir para a visibilidade de migrantes – em especial, bolivianas e bolivianos na RMBH-MG – e, portanto, para que suas vozes ecoem e reverberem.

REFERÊNCIAS

- ARIZA, M.; VELASCO, L. (coord.). **Métodos qualitativos e su aplicación empírica:** por los caminos de la investigación sobre migración internacional. INAMY: Colegio de la Frontera Norte, México, 2012.
- BAENINGER, R. Migrações internacionais no século 21: desafios para uma agenda de pesquisa. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE POBLACIÓN – ALAP, 6., 2014, Lima, Perú. **Anais...** [S. l.]: ALAP, 2014.
- BAENINGER, R. **Fases e faces da migração em São Paulo.** Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp; FAPESP; CNPq, 2012.
- BAENINGER, R. **Região, metrópole e interior:** espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes no Brasil – 1980/1996. 1999. 234f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.
- BASSO, P. Imigração, racismo e antirracismo na Europa de hoje. Tradução de: Patricia Villen. In: TAVARES, M. A.; GOMES, C. (org.). **Intermitências da crise e questão social:** uma interpretação marxista. João Pessoa, PB: UFPB, 2013. p. 83-113.
- CASTRO, M. C. G.; FERNANDES, D. A emigração dos haitianos para cidades brasileiras: desafios para políticas públicas de integração. In: SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 3., 2014, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: PUC Minas, 2014.
- COSTA, R. H. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2011.
- DAMIANI, A. A metrópole na dialética entre o território de ação estatista e o espaço de projeto político. In: SILVA, C. A.; CAMPOS, A. (org.). **Metrópoles em mutação:** dinâmicas territoriais, relações de poder e vida coletiva. Rio de Janeiro, RJ: Revan; FAPERJ, 2008.

- FERNANDES, D. et al. Imigrantes internacionais no estado de Minas Gerais e a pandemia de Covid-19. In: FERNANDES, D.; BAENINGER, R. (coord.). **Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil**: resultados de pesquisa. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020. p. 288-315.
- FERNANDES, D. O Brasil e a migração internacional no século XXI: notas introdutórias. In: PRADO, E. J. P.; COELHO, R. **Migrações e trabalho**. Brasília, DF: Ministério Público do Trabalho, 2015. p. 19-40.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 1991.
- GRIMSON, A. Etnicidad y clase en barrios populares de Buenos Aires. **Estudios Migratorios Latinoamericanos**, Argentina, v. 20, n. 60, p. 343-361, 2006.
- GRIMSON, A. Relatos de la diferencia y la igualdad: los bolivianos en Buenos Aires. **Nueva Sociedad**, Argentina, n. 147, p. 96-107, 1997.
- PHELPS, E. South-South migration: why it’s bigger than we think, and why we should care. **The Migrationist: A Collaborative International Migration Blog**, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://themigrationist.net/2014/02/06/south-south-migration-why-its-bigger-than-we-think-and-why-we-should-care/>. Acesso em: 29 ago. 2018.
- RIBEIRO, J. C. **Migrações bolivianas**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2021.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 20. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2011.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed., 1ª reimp. São Paulo, SP: EdUSP, 2004.
- SASSEN, S. **The mobility of labor and capital**: a study in international investment and labor flow. New York, NY: Cambridge University Press, 1988.
- SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, SP, v. 20, n. 57, p. 157-170, 2006.
- SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2013.
- STANDING, G. **O precariado**: a nova classe perigosa. Tradução de: Cristina Antunes. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017.